

## AS REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO BRASIL

*Raimundo Nonato de Castro*  
Mestrando em História - UFPA

**RESUMO:** As imagens e os textos, produzidos pelos europeus, serviram para criar imaginários sobre as populações indígenas, passando a ser utilizadas para assegurar e garantir o incremento do processo de dominação colonial. Neste sentido, ao analisarmos algumas das observações realizadas pelos navegadores europeus, verificamos que apresentam os nativos como seres que necessitavam ser cristianizados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imagens, Representação, Indígenas.

**ABSTRACT:** The images and text produced by Europeans, served to create imaginary on indigenous peoples, going to be used for securing and increasing the process of colonial domination. In this sense, as we review some of the comments made by European navigators, we found that the natives have as beings that needed to be Christianized.

**KEY-WORDS:** Image, Representation, Indigenous.

Este artigo pretende discutir as representações sofridas pelas populações indígenas, com base na bibliografia debatida na disciplina Tópico Especial em História e Natureza, do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará. Ao analisar os conceitos e as justificativas que foram utilizadas pelos europeus, bem como, as atividades que deveriam ser realizadas no Novo Mundo, verificamos que tais elementos favoreceram o processo de colonização e a consequente escravização dos nativos. Com base nesta situação, procuramos responder o seguinte questionamento: Como as representações indígenas serviram de base para o processo de colonização do Brasil?

Diversos autores<sup>1</sup> se debruçaram sobre farta documentação, com o objetivo de demonstrar como as populações indígenas foram sendo percebidas pelos europeus. Muitos

---

<sup>1</sup> Dentre esses diversos autores, podemos citar. **CUNHA**, Manuela Carneiro da. *História dos Índios do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1994. **MONTEIRO**, Jonh Manuel. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Cia das Letras, 1994. **NEVES**, Luiz Felipe Baeta. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978. **VAINFAS**, Ronaldo. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Cia das Letras, 1995. **HOLANDA**, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Cia das Letras, 1994. Além destes os autores

destes autores questionaram os conceitos que foram elaborados pela historiografia tradicional, que apresentava interpretações carregadas de juízo de valor, as quais colocavam os índios, apenas, na condição de sujeitos passivos no processo de formação e colonização do Brasil.

Ressaltando que muitas dessas observações foram realizadas com base numa documentação, que em sua grande maioria era produzida pelos europeus. Grande parte dela apresenta vários objetivos, que incluía desde a necessidade de se garantir a ocupação e conquista do território, passando pelo projeto de estabelecer um domínio sobre os nativos, utilizando-se do processo de evangelização e da escravização.

As imagens e os textos, produzidos pelos europeus, serviram para criar imaginários sobre as populações indígenas, que foram utilizados para assegurar e garantir o incremento



do processo colonial. Neste sentido, ao lermos algumas das observações realizadas por navegadores verificamos que apresentam os nativos como seres que necessitavam ser cristianizados, como já destacava Pero Vaz de Caminha ao escrever ao rei afirmando que o maior esforço da coroa residia na salvação dos índios americanos<sup>2</sup>.

Figura 1. O esquartejamento do corpo do prisioneiro (Staden, p. 165).

Na imagem os argumentos apresentados pelos europeus sobre a condição de bárbaros dos índios ganhavam ênfase. Contudo, ela está muito próxima dos valores estabelecidos pela Igreja, já que a cena é dominada pelas mulheres, gerando uma alusão clara as bruxas europeias. Esta interpretação reforçava a necessidade de combater e perseguir os elementos contrários à fé católica.

presentes na bibliografia deste artigo tem se dedicado a construir uma história que procurar demonstrar o quanto os nativos constituíram-se em sujeitos ativos no processo de colonização do Brasil.

<sup>2</sup> A Carta de Pero Vaz de Caminha, apresentada neste artigo, foi reeditada numa coleção destinada a alunos da educação básica, a qual prioriza as observações feitas sobre a nova terra e alerta ao Rei sobre a necessidade de “salvar” os indígenas (TUFANO, 1999: 61).

O uso do fogo, na imagem, lembra uma fogueira do Santo Ofício, na medida em que as chamas levantam-se contra o corpo do nativo. O corpo é preparado e as mulheres em volta apreciam a cena. Não há sinal de indignação na cena representada, apenas o cercam, todas são cúmplices do ato que contrariava os anseios católicos.

### **De bárbaros a representantes da nação**

Os argumentos, produzidos pelos europeus e divulgados na Europa, foram utilizados para justificar a escravidão indígena, que passou a ser considerado um dos principais instrumentos de domínio<sup>3</sup>. “(...) os índios revelavam-se escravos indomáveis, fugitivos ou débeis, podendo mais facilmente ser subjugados e utilizados pela “força” da tolerância e da religião” (DOMINGUES, 2000: 57). Neste sentido, as imagens adquiriam uma importância relevante, pois apresentavam o comportamento dos índios americanos, de modo, a favorecer o controle pelos grupos dominantes.

Essas considerações passaram a ser utilizadas como uma maneira de assegurar a dominação europeia sobre as populações indígenas. Iniciando pela forma como os conquistadores passaram a vê-los e a demonstrá-los na Europa (FRANCO, 2000). Neste sentido, as imagens, que circulavam nos países europeus, transmitiram interpretações do modo como os nativos viviam e se relacionavam com os demais habitantes:

(...) O barbarismo legitimava a guerra justa e a escravidão do ameríndio, porque os nativos eram incapazes de entender os ensinamentos divinos e de receber a conversão. Portanto, foram forjados por Deus para servir aos europeus, usando a sua força bruta em favor dos empreendimentos coloniais (RAMINELLI, 1996: 17).

Ao valer-se destas imagens os europeus construíram um programa que possibilitava a consolidação e a manutenção do seu predomínio na América. Por este modo, utilizou-se de analogias, entre os seus valores com os dos povos indígenas, forjando uma nova classificação sobre os povos nativos com base na exposição das imagens difundidas na Europa. (FRANCO, 2000). Cada vez mais, as imagens transformavam o imaginário europeu, ora colocando os índios na condição de bárbaros, ora na condição de “o bom selvagem”.

Ressalte-se que grande parte da bibliografia sobre as populações indígenas, realizou o seu estudo a partir de uma leitura que enfatizava as relações de poder, ou seja,

---

<sup>3</sup> Em relação à escravidão entre os indígenas, Domingues, utilizando-se das palavras de José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, estabelece que “(...) A escravatura não existia, tendo sido, conseqüentemente, os portugueses os seus introdutores. (...)”.(DOMINGUES, 2000: 57).

---

apresentava-os dentro de uma disputa entre grupos dominantes e dominados, deixando de apreciar questões relacionadas aos aspectos histórico-antropológicos (RAMINELLI, 1996). Neste caso, a história antropológica inaugurada, segundo Laura de Melo e Souza, por Ronald Raminelli, propôs uma nova forma de estudar as relações sociais dos povos indígenas com os europeus, demonstrando uma espécie de metamorfose (ALMEIDA, 2003) que levou os índios a saírem da condição de passivos para sujeitos ativos do processo de colonização do Brasil<sup>4</sup>. Essa transformação foi marcada por uma busca constante de assegurar alguns direitos que eram definidos pelo governo metropolitano.

A historiografia atual demonstra que, as representações construídas sobre as populações indígenas, ganharam novas atribuições durante o século XIX, uma vez que, o índio passou a ser ligado às origens da formação da nação brasileira. Com base nisso, deveria haver uma assimilação destes elementos, demonstrando as particularidades que representariam o Brasil<sup>5</sup>. Este imaginário foi reforçado pelo romantismo, que colocava o índio na condição de herói nacional, e que ganhou bastante destaque na literatura do início e final do século XIX.

Ainda, devemos considerar que, as representações, acerca das populações indígenas, eram utilizadas para demonstrar os seus valores culturais. De modo, que elementos como, os conflitos bélicos, somados aos rituais de antropofagia, os quais eram considerados atributos dos bárbaros<sup>6</sup>, foram amplamente divulgados em imagens e textos de viajantes e conquistadores, reforçando em muitos casos o eurocentrismo, em relação aos índios americanos.

As representações dos nativos passaram a adquirir feições europeias, distanciando-se, em muitos casos, dos valores indígenas, que estavam representados nas narrativas de viagens. Para tanto, lembremos os relatos de Hans Staden<sup>7</sup>, que detalha o cotidiano dos nativos, descrevendo com maior ênfase as habitações, alimentação e os rituais. No entanto,

---

<sup>4</sup> A publicação do livro – Imagens da Colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira -, de Ronald Raminelli, nas palavras de Laura de Melo e Souza, que faz o Prefácio da obra, afirma que a mesma “chega a inaugurar um viés inédito do tratamento do tema: o da história antropológica”. Neste caso, para a historiadora passa a existir uma comprovação, “a de que em história a documentação é inesgotável, sempre possível de abordagens diferentes”. p. 8.

<sup>5</sup> Questão cara aos formadores da geração imediatamente posterior à Independência, a legitimação oferecida às novas nações de uma universalização de suas glórias no passado pelo mito unificaria os diferentes discursos sobre os primitivos habitantes do território do Império em seu aporte à const.rução da história pátria. (KODAMA, 2009: 30)

<sup>6</sup> Segundo Auxiliomar Ugarte, ocorreu uma intensa produção iconográfica abordando o tema do canibalismo durante o quinhentos. Xilogravuras que lembram canibais com cabeça de cachorro. (UGARTE, 2009: 455).

<sup>7</sup> A obra – Viagem ao Brasil – de Hans Staden foi publicada em 1557 em Malburg, com muitas xilogravuras. Causou sensação na Europa, sendo realizadas mais de cinquenta edições em alemão, flamengo, holandês, latim, francês e português.

---

em nenhum momento faz referência às bruxas e/ou a diabos, aspectos estes que não deixam de está presentes em publicações europeias posteriores, representando uma realidade distante das apresentadas pelos viajantes<sup>8</sup>. Notemos que grande parte desta publicação divulgada na Europa serviu para reforçar diversos mitos.

Os discursos e imagens, construídos em relação às populações indígenas, procuravam afirmar uma realidade de mundo, a qual os europeus só haviam tido contato com as narrativas heróicas. Neste caso,

Uma obra aparece como ‘semelhante’ ou ‘realista’ quando as regras que regem sua produção coincidem com a definição vigente da representação objetiva do mundo, ou melhor, com o sistema de normas sociais de percepção insensivelmente inculcadas através do convívio prolongado com representações produzidas segundo as mesmas normas (BOURDIEU, 2007: 292.)

A partir dos relatos e, com base na produção bibliográfica, as ideias construídas em torno dos índios, levavam a diversas compreensões, dentre as quais, a de que havia uma suposta longevidade, pois os indígenas sofriam os efeitos dos bons ares, das boas águas, ao mesmo tempo em que não estavam sujeitos as enfermidades que foram introduzidas na região pelos conquistadores. Criando-se em relação ao Brasil a ideia de que era:

(...) terra amena, de arvores infinitas e muito grandes, que não perdem folha, aromáticas, carregadas de saborosos frutos, e salutíferos para o corpo; campos de muita erva, cheios de flores, que maravilham pelo odor delicioso; imensa cópia de pássaros de várias castas, com suas plumagens, cores e cantares, que desafiam qualquer descrição (HOLLANDA: 343)<sup>9</sup>.

Reforçado por este imaginário, os europeus passaram, cada vez mais, a procurar o paraíso terreal (HOLLANDA, 2000; UGARTE, 2009)<sup>10</sup>, o que parecia muito representativo, dentro dos valores transportados pelos europeus em direção à América. Buscando uma terra na qual não havia doenças. Somado ainda, à busca por metais preciosos, os europeus viam nos índios de início, um povo puro (TUFANO, 1999), que ocupava o paraíso descrito nas narrativas europeias (HOLLANDA, 2000).

---

<sup>8</sup> Raminelli chama atenção para a forma como os índios passaram a ser integrados ao imaginário ocidental, recebendo, portanto, uma classificação e um valor. Vinculando-se ao mundo colonial e as disputas em torno da conquista, da catequese e do emprego dos índios como mão-de-obra. Neste sentido o bárbaro seria então um escravo ou um cristão em potencial. (RAMINELLI, 1996: 66)

<sup>9</sup> Carta Bartolozzi, de 1502, citada por Holanda.

<sup>10</sup> Ugarte ressalta que o Padre Alonso de Rojas foi o primeiro cronista a usar explicitamente, metáforas do Paraíso, quando se referia ao vale do Amazonas. Desse modo, não foi difícil para ele encontrar alguns sinais, nos depoimentos de expedicionários sobre as condições climáticas sentidas e observadas, que ajudavam na confirmação de suas expectativas paradisíacas no rio Amazonas. (UGARTE, 2009: 239).

Contudo, com a presença cada vez maior de colonos, evangelizadores, e cronistas, os povos nativos ganharam novas formas e novas interpretações, foram então transformados em bárbaros<sup>11</sup>, que necessitavam estar sob as mãos do colonizador, que os levariam a salvação (SOUZA, 1986). Para tanto, a escravidão seria um dos principais instrumentos que proporcionariam esta atividade na colônia.

O fato de o Diabo reinar sobre esses bárbaros justifica muitas vezes seu extermínio, pelo menos sua submissão forçada. (...) Mas é normal que, de acordo com a teologia missionária, a persuasão venha antes da perseguição (...) (HAUBERT, 1990: 42).

Destaque-se que a intervenção europeia ocasionou a condução dos habitantes do novo mundo para dentro da cultural ocidental (RAMINELLI, 1996: 15). Demonstrando a forma como os nativos passaram a ser encarados, sob o olhar cristão. Adquirindo feições e expressões das mais variadas, chegando até mesmo a ser comparados com as bruxas medievais:

(...) a mulher na Europa quinhentista e seiscentista constituía uma alteridade. Nesse sentido, a semelhança entre as bruxas de Balgung Grien e as índias antropófagas de Theodor de Bry é mais do que evidente. Os pintores, sobretudo, De Bry, por intermédio das formas visuais das bruxas e do estereótipo das feiticeiras, buscaram traduzir a estranheza contida nos relatos de viajantes e cronistas. (...) (RAMINELLI, 1996: 105)<sup>12</sup>.

A introdução de valores europeus passou a reforçar a dominação sobre os povos nativos, de modo que as atividades europeias pudessem proporcionar uma intervenção, que levasse os indígenas a abandonar os seus hábitos, considerados primitivos. Passando a fazer parte do cotidiano colonial, em especial na execução dos trabalhos manuais, dentre os quais estavam: o corte de madeira, os serviços domésticos e demais atividades nas fazendas (ALMEIDA, 2003).

---

<sup>11</sup> Interessante observar que Putoni, analisa a questão das guerras a partir de uma forma resistência empreendida pelos nativos: "(...) 'as frequentes hostilidades dos selvagens contra os primeiros povoadores' eram compreensíveis, dado que para com estes intrusos os índios 'não podiam ter senão má vontade, visto que os olhavam como usurpadores de suas terras'" (PUTONI, 2002: 45)

<sup>12</sup> No capítulo intitulado "Mulheres Canibais", Raminelli, destaca a forma como as imagens foram produzidas a partir dos relatos dos viajantes, que somadas ao imaginário europeu, reforçaram a ideia de que as terras recém descobertas estavam recheadas de seres fantásticos. As imagens constroem a representação de um ambiente de horror, e deste modo, as mulheres canibais que já ocupavam um espaço no imaginário cristão europeu, serviram para recriar uma ambientação infernal, "(...) uma atmosfera fantástica e atemorizadora bem ao gosto da época". (RAMINELLI, 1996: 105).

Neste sentido, a utilização dos indígenas enquanto mão-de-obra seria reforçada pela transferência dos nativos para as aldeias. Com a implantação deste tipo de controle, os o governo colonial, dava ênfase as guerras realizadas pelos índios, como uma forma de assegurar o domínio sobre os mesmos. De modo que passaram a vê-los como sujeitos importantes na defesa do território:

(...) Pretendia-se que os ameríndios deixassem de se identificar com um grupo étnico ou com uma área geográfica específica e que neles se sobrepusesse um “sentido de pertença” à colônia luso-brasileira e ao soberano português. Este processo, ao contrário do que se passou em outras sociedades, não foi desenvolvido pela população indígena, mas imposto pelas autoridades administrativas coloniais (DOMINGUES, 2000: 212).

Com essa nova forma de ver os indígenas, percebe-se que adquirem uma postura atuante no processo de colonização, ou seja, como sujeitos ativo do processo de ocupação do Brasil. Maria Regina Celestino de Almeida, percebe que os nativos, adotam uma postura diferente, negociando com os europeus, a sua transferência para as aldeias, “(...) O ingresso nas aldeias tornava-se para os índios a opção pelo mal menor. (...)” (ALMEIDA, 2003: 65).

Apresentando como uma forma de ver as atitudes dos nativos, Almeida, reforça a ideia de que houve uma metamorfose indígena, ou seja, os índios foram transformados pelas políticas adotadas pelo governo, no entanto, ressalta que as tradições e culturas dos mesmos não são estáticas, pois, mesmo sofrendo a interferência europeia no espaço das aldeias, estas se tornaram um “espaço de ressocialização dos povos indígenas” caracterizando-se como local de “recriação de suas identidades” (Idem: 26). Embora, sendo considerados locais de alternativas para muitos índios<sup>13</sup>, os aldeamentos comportavam vários segmentos sociais, caracterizando-se enquanto local de disputa política. No entanto, foram responsáveis por proporcionar aos nativos os recursos que os levaram gradativamente, a tornarem-se súditos e cristãos do rei (ALMEIDA, 2003).

---

<sup>13</sup> A rotina nas aldeias procurava afastar os indígenas de suas práticas culturais, mas introduzia outras, algumas bastante úteis na nova situação colonial. Ler e escrever o português, por exemplo, foi instrumento eficaz para alguns reivindicarem suas mercês ao rei em moldes bem portugueses. Vieira admirou-se pelas cartas escritas por índios do maranhão “em papel de Veneza, e fechadas com lacre da Índia (...) e reconheceu que (...) a letra e o estilo das cartas era dos índios pernambucanos, antigos discípulos dos padres” (ALMEIDA, 2003: 138).

### Aspectos econômicos das representações



Figura 1. Theodore de Bry: Columbus landing at Guanahani, copperplate engraving 1594. (Disponível em: [http://www.hdg.de/eurovisionen/html\\_eng/br2\\_4.html](http://www.hdg.de/eurovisionen/html_eng/br2_4.html). Acesso em: 20/07/2010.

Na imagem podemos observar a aproximação entre os europeus e os nativos americanos, manifestada pela troca de mercadorias. Contudo, a imagem de dominação é manifestada pela posse dos soldados espanhóis e, pela cruz que se ergue ao lado esquerdo. Os dois elementos representativos do domínio, estabelece-se pela relação entre o Estado e a Igreja.

Embora os índios se aproximem, percebem-se certa apreensão. A representação é caracterizada pelo receio que as imagens provocaram aos nativos. E, embora a cena desenvolva-se no primeiro plano, podemos ver ao fundo três índios que saem correndo com temor das enormes caravelas que dominam os oceanos.

As representações evidenciadas em imagens e textos demonstravam a importância dos aspectos econômicos, além, da forma como foram organizados os parâmetros de dominação impostos pelos europeus. Desde a transferência dos nativos para os aldeamentos, bem como pela implantação de políticas de cunho civilizacional<sup>14</sup>. Iniciou-se, com isso, um processo no qual os portugueses identificaram os elementos apresentados pelos nativos, como justificativa a conquista e posse das terras no Brasil.

Ressalte-se que o processo de dominação europeia não foi tão simples, já que houve uma intensa resistência desempenha pelos nativos, que realizaram batalhas, além de se utilizarem de recursos jurídicos que os permitiam questionarem a política de colonização dos povos europeus.

Importante frisar que novas interpretações e perspectivas surgiram com base na documentação. Neste sentido, podemos visualizar um índio atuante, capaz de resistir, não só pelo uso da força, mas também se utilizando da escrita, como por exemplo, “nas queixas,

---

<sup>14</sup> Raminelli destaca que as imagens estavam relacionadas aos processos de conversão ao cristianismo, de modo, que o processo de civilização “viabilizaria a liberdade da tribo e a expulsão dos agentes do mal. Os colonizadores promoveriam, assim, o bem-estar dos ‘pobres americanos’” (RAMINELLI, 1996: 110).



petições e reclamações” (ALMEIDA, 2003: 250), que poderiam ser endereçadas ao rei, ou aos seus representantes, pois passaram a ocupar a condição de súditos da coroa portuguesa. Podemos afirmar então, que ocorreu mais uma mudança na abordagem historiográfica, sendo que o sujeito – índio – ganhou uma nova ressignificação.

Outro fato importante está relacionado com os grupos religiosos, os quais buscaram utilizar-se das representações como maneira de permanecer no comando das comunidades nativas. Assim, as populações ganharam diversas conceituações, como por exemplo, saíram da condição de gentios, de cristão, até chegarem à de colono-tutelado (HAUBERT, 1990; RAMINELLI 1996; DOMINGUES, 2000, ALMEIDA, 2003; KODAMA E UGARTE, 2009).

Embora houvesse uma resistência empreendida pelas sociedades indígenas, os religiosos coloniais não viam com bons olhos as práticas religiosas dos índios americanos. Os feiticeiros eram representados e tidos como os responsáveis por promover a aproximação entre os índios e os demônios. Fato importante, pois segundo Raminelli, sem a presença do demônio, a colonização não teria o mesmo apelo “cruzadístico”, fato que impossibilitaria a empresa colonial. O corpo enrugado e decaído das índias velhas corresponderia a um reflexo do seu interior, da sua alma. Seria um chamado de alerta às práticas selvagens, isto é, consumir carne humana levaria à deterioração do corpo e a perda da alma (CHICANGANA-BAYONA, 2006).

Ao combater os feiticeiros indígenas, os padres procuraram demonstrar que os argumentos dos indígenas se assemelhavam aos desenvolvidos na Europa pelos protestantes, daí a importância de se combater o mal. Haja vista que, no Brasil, os aventureiros encontraram resquícios que há séculos ocupavam a literatura de viagem, organizando a colônia com base nos seus pressupostos culturais. (RAMINELLI, 1996).

### **Considerações finais**

Portanto, os índios foram gradativamente sendo inseridos na literatura e nas imagens europeias, ganhando temas recorrentes no imaginário europeu. Tendo como principais temáticas, aquelas atreladas aos aspectos religiosos, além de estarem representados como homens selvagens que simbolizavam o exotismo.

Podemos perceber que as intenções europeias demonstravam um tipo de cultura muito próxima a sua, as observações feitas da colônia, somadas ao imaginário europeu, proporcionaram um mundo em transformação, capaz de influenciar o processo de ocupação

---

do Brasil. Segundo Raminelli, visualizado na América, o bárbaro promoveriam a difusão de um pavor apocalíptico.

Importante perceber que o índio foi visto como um ser degenerado, que poderia ser aprisionado, escravizado. Foi representado como contribuinte direto nas ideias que circularam antes do processo que levou a Revolução francesa, a partir dos conceitos de homem natural, amplamente difundido no continente europeu. Além disso, as sociedades indígenas ganharam forma, transformaram-se, metamorfosearam-se, tornaram-se sujeitos ativos no processo de colonização.

Os indígenas foram vistos de acordo com os modelos europeus, sendo que as representações serviram para justificar a ocupação e conquista dos territórios, além, de favorecer a dominação, por meio da escravização.

Neste sentido as imagens, podem ser utilizadas como fontes que permitem novas interpretações acerca dos povos indígenas, como sujeitos atuantes no processo de colonização, bem como na ideia de construção da nação brasileira. No entanto, o processo de visualização das imagens é muito mais que a simples exploração com os olhos, pois *“usamos nossa mente, e a mente se vale de conceitos (...) a sequência da exploração óptica progride de acordo com os nossos hábitos gerais de apreensão das coisas (...)”* (BAXANDALL, 2006: 35).

Neste sentido, os índios transformaram-se sujeitos que participaram assiduamente no processo de construção da história no Brasil. Os nativos americanos ganharam ênfase, passaram a condição de sujeitos ativos. Essa representação ganha destaque, quando Souza e Mello, chama atenção para os processos, nos quais os indígenas passaram a questionar a sua liberdade.

Para isso constrói uma história, na qual os índios amazônicos passam a valer-se de várias petições as quais são apresentadas à Junta das Missões, e cujo teor reclamava a sua liberdade, alegando que a sua manutenção na condição de escravos era considerada injusta. As petições mostraram que os índios amazônicos passaram a se valer de um instrumento jurídico capaz de promover os seus objetivos, rompendo com a visão geral que considerava os indígenas apenas sujeitos passivos do processo de conquista das terras americanas.

Neste sentido, representar os nativos americanos, enquanto sujeitos incapazes seriam suficientes para criar um imaginário europeu no qual os índios deveriam ser escravizados. Para termos uma ideia da forma de atuação dos indígenas, Souza e Mello afirma que um caso importante chamou atenção na documentação pesquisada, tratava-se

---

da índia Antonia que havia sido trazida do sertão contra a sua vontade e ao ser levada para a cidade de São Luís do Maranhão, foi reduzida a um “injusto cativo”.

A índia foi vendida a vários senhores, sendo que pelo tratamento que recebia não realizava nenhum questionamento. Porém, ao ser negociada a outro morador da cidade, ela passou a ser maltratada, fato que a motivou a buscar a sua liberdade, para tanto, enviou uma petição a Junta das Missões. Todos os envolvidos foram ouvidos, e apesar de poder questionar os seus direitos, os processos arrastavam-se durante anos sem solução.

Portanto, podemos visualizar uma representação dos nativos amazônicos, que passaram a perceber que poderiam combater a forma abusiva que seus senhores exerciam sobre os mesmo, por meio de mecanismos legais de luta, permitindo aos historiadores, antropólogos e estudiosos em geral, novas maneiras de estudar os índios, por meio da documentação que ao ser revisitada permite novas interpretações.

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: Edusc, 2004.

CHICANGABA-BAYONA, Yobenj Aucardo. *Do Apolo de Belvedere ao guerreiro tupinambá: etnografia e convenções renascentistas*. *História* [online]. 2006, vol.25, n.2, pp. 15-47. ISSN 1980-4369. doi: 10.1590/S0101-90742006000200002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742006000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742006000200002&script=sci_arttext). Acesso em: 14/07/2010.

DOMINGUES, Ângela. *Quando os índios eram vassalos: colonização e relações de poder no Norte do Brasil na segunda metade do século XVIII*. Lisboa: Comissão para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *O índio brasileiro e a Revolução Francesa: as origens brasileiras da teoria da bondade natural*. Rio de Janeiro: Toopbooks, 2000.

HAUBERT, Maxime. *Índios e Jesuítas nos tempos das missões*. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000.

KODAMA, Kaori. *Os índios no Império do Brasil: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860*. São Paulo: Edusp, Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2009.

SOUZA E MELLO, Maria Eliane Alves de. *Desvendando outras Franciscas: Mulheres cativas e as suas ações de liberdade na Amazônia colonial portuguesa*. Portuguese Studies Review 13 (1) (2005). 1-16.

PUNTONI, Pedro. *A guerra dos bárbaros: povos indígenas e colonização no sertão nordeste do Brasil, 1650-1720*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

TUFANO, Douglas. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Moderna, 1999.

UGARTE, Auxiliomar. *Sertões de Bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI-XVII)*. Manaus: Editora Valer, 2009.

**Recebido em: 30/03/2012**

**Aprovado em: 13/05/2012**